

INSTITUTO  
SOCIAMBIENTAL  
Documentação  
Gm  
Fonte \_\_\_\_\_  
Data 3/12/2000 Pg A9  
Class. 20

■ NACIONAL



BancoRURAL

# Manejo de florestas rende primeiros resultados

Projetos inovadores sofreram oposição de políticos e até de tribos indígenas antes de serem aceitos e começarem a dar lucros

Regina Scharf  
de São Paulo

O desenvolvimento sustentável sempre foi um eldorado. Todos queriam chegar lá, mas ninguém sabia como. Porém, entre tropeços técnicos e políticos, dificuldades para escoar a produção e falta de financiamento, alguns pioneiros começam a ter lucros e distribuí-los entre seus parceiros. A Natura, que acaba de descobrir este filão, já vendeu 880 mil itens de sua linha de cosméticos Ekos, que emprega óleos produzidos em reservas extrativistas.

A pioneira Couro Vegetal da Amazônia (CVA), só agora vê a cor do dinheiro — nove anos após sua fundação. Fabricando bolsas e calçados com borracha produzida por seringueiros e índios do Acre, ela faturou este ano R\$ 1 milhão até setembro. Em três anos, multiplicou por dez as remessas para a francesa Hermès, fabricante de bolsas de alto luxo.

Mas o sucesso não veio fácil. Beatriz Saldanha, uma das sócias da CVA, lembra que, no começo, o couro vegetal era pouco resistente, melava quando exposto ao sol, cheirava mal e era caro demais.

O diálogo com os parceiros também enfrentou problemas. Com uma das comunidades indígenas com as quais tentaram trabalhar, a experiência fracassou. “Por outro lado, conseguimos que o Banco da Amazônia (Basa) criasse uma linha de crédito especial para extrativistas”, conta. “As patentes dos processos produ-

tos são partilhadas com as associações, e agregamos ao preço do látex um valor ambiental e cultural — por isso, pagamos bem mais do que o resto do mercado”.

As dificuldades técnicas, somou-se a oposição política. “Éramos vistos como o bicho-papão pelos coronéis e políticos tradicionais, que já não podiam ser donos da situação”, conta Antônio Francisco de Paula, seringueiro há 51 anos e parceiro da CVA. O assassinato de Chico Mendes, em 1988, e de outros líderes seringueiros atestam isso.

“Na época de Chico Mendes, era

impossível pensar em montar um grande negócio envolvendo índios e comunidades e colocar seu produto lá fora”, diz o governador do Acre, Jorge Vianna, citando o exemplo da CVA. Ele lembra que, dez anos atrás, todos os projetos de manejo florestal amazônicos eram acadêmicos. Hoje, há pelo menos 15 empresas e 12 grupos comunitários explorando o modelo sustentável. “A nossa meta é fornecer 20% da madeira manejada no Brasil”, diz.

O governador também anuncia que avança os planos da Pirelli, que pretende fazer um lançamento

mundial do pneu Xapuri, de borracha natural. A empresa já investiu R\$ 150 mil para melhorar o produto. “O desenvolvimento sustentável não tem mais volta”, garante.

O crescimento da cooperativa de castanheiros de Laranjal do Jari (AP) ilustra bem o processo exposto por Jorge Vianna. Concebida em 1984, ela só conseguiu espaço para se implantar de vez dez anos depois. Desde então, fez uma parceria com o governo estadual para fornecimento de merenda escolar e começou a exportar para a França. Num primeiro momento, vendia castanhas desi-

dratadas. Agora, os cooperados estão fazendo um estudo de viabilidade econômica do azeite de castanha, com fins culinários e cosméticos, que deverão produzir a partir do ano que vem para exportação em tonéis. Graças a tais projetos, as 7,5 toneladas processadas em 1985 pularam para 45 t este ano.

Vianna e Beatriz participaram ontem de seminário sobre o tema organizado em São Paulo pela Fundação Getúlio Vargas, que também teve a presença do governador do Amapá, João Capiberibe, do senador Eduardo Suplicy (PT-SP) e de empresas e cooperativas que atuam em todo o País.

“Capiberibe e Vianna se destacam pelo extraordinário empenho em prol da distribuição de renda e o desenvolvimento sustentável, e encontram reações fortíssimas em seus estados”, lembrou Suplicy, na abertura do encontro. No caso, ele fazia referência ao processo de impeachment movido pela oposição do Amapá contra Capiberibe, e a ameaças de morte contra as duas filhas pequenas de Vianna.

Parte dessa reação se explica pelo combate dos dois governadores aos modelos de desenvolvimento tradicionais. “A política é essencial para que se decida pelo manejo e estabelecimento de uma cadeia produtiva que agregue valor aos produtos amazônicos, rompendo o ciclo da miséria”, afirmou Capiberibe, durante o evento. Em seus dois man-

dados, o governador estimulou, no Amapá, o desenvolvimento de 70 fármacos, vendidos pela internet, como uma vela de andiroba capaz de repelir até 98% dos mosquitos anófeles, que transmitem a malária.

Como resultado de sua política de desenvolvimento sustentável, ele arrola um crescimento de 7% da economia, redução da mortalidade infantil, do analfabetismo e das taxas de desmatamento. Esse tipo de visão é mais incomum em Brasília. Uma rara exceção federal é ilustrada pela Secretaria de Coordenação da Amazônia, do Ministério do Meio Ambiente, que acaba de lançar o projeto Negócios Sustentáveis, que deverá aplicar US\$ 5,2 milhões em novos projetos de desenvolvimento sustentáveis. O crescente interesse do setor público e o sucesso da Natura, dos castanheiros do Amapá ou da CVA, embora localizados, têm impacto. Com um faturamento igual aos orçamentos somados dos estados do Acre e do Amapá (R\$ 600 milhões cada), a Natura pretende que todos os seus fornecedores de óleos de castanha, andiroba e cupuaçú — cooperativas e reservas extrativistas do Amapá, Amazonas e Rondônia — consigam o certificado de qualidade ambiental do Forest Stewardship Council (FSC). O modelo deverá se espalhar, depois, para fornecedores de buriti, guaraná e maracujá. Depois de dez anos, o desenvolvimento sustentável começa a decolar.

## Quem prospera com a sustentabilidade

Empreendedor	Local	Beneficiados	Início	Principais sucessos
Cooperativa Mista e Extrativista dos Produtores do Rio Iratapuru	Laranjal do Jari (AP)	42 famílias cooperadas, criados 500 empregos	1995	• 45 toneladas de castanhas processadas em 2000; • A renda mensal do castanheiro passou de R\$ 32 para R\$ 400
Couro Vegetal da Amazônia S. A.	Vale do Alto Rio Juruá (AC)	220 famílias de índios e seringueiros	1991	• Seringueiros compartilham a patente; • Financiamento de US\$ 1 milhão obtido no BNDES; exportação para a França
Terra Preservada Alimentos Orgânicos Ltda.	Capanema (PR)	1000 produtores familiares	1993	• 4 mil toneladas de soja orgânica comercializada; • Parceria com The Body Shop (Inglaterra) • Clientes na França, Japão e Estados Unidos
Natura Cosméticos	Amapá, Amazonas, Rondônia	populações tradicionais	2000	• Linha Ekos, recém-lançada, vendeu 880 mil itens em um mês
Associação dos Pequenos Agricultores do Município de Valente	Valente (BA) e região	1.300 famílias produtoras em 15 municípios	1980	• O produtor recebe de R\$ 350 a R\$ 450 por tonelada de sisal, contra R\$ 150 em 1995.

Fontes: empresas, cooperativas e FGV